

ONU: crianças brasileiras entre as que mais acessam a internet

Realidade é bem próxima da norte-americana, cujo percentual é de 97% dos jovens

Por Pedro S. Teixeira (Folhapress)

O Brasil está entre os países em que as crianças e adolescentes com menos de 15 anos mais usam a internet, e isso pode ter reflexos no desenvolvimento cognitivo e na saúde mental de uma geração de jovens, diz o relatório da ONU (Organização das Nações Unidas) sobre o desenvolvimento humano.

De acordo com dados da ITU (União Internacional de Telecomunicações) de 2024 compilados pela ONU, os jovens brasileiros estão entre os que mais usam internet, junto com as populações de Maldivas e Hong Kong, com um nível de acesso próximo a 100%. A realidade nacional também é próxima da americana, onde 97% dos menores de idade tinham acesso à internet em casa.

O tempo excessivo de exposição a telas pode piorar as condições emocionais, cognitivas e de desenvolvimento da criança. O estudo cita riscos de transtorno de déficit de atenção, falhas no desenvolvimento de habilidades motoras e sociais. “A natureza da atividade e a sua duração influenciam os resultados”, afirmam as Nações Unidas.

Além disso, diz a ONU, telas em excesso durante a primeira



Pexels/ Ivan Samkov

O número de crianças que acessaram a internet pela primeira vez aos 6 anos cresceu 10,5% nos últimos quatro anos

infância “estão relacionadas a mudanças na estrutura cerebral e à redução da capacidade de linguagem e compreensão”.

“O país é líder global no uso da internet [por crianças], sem que ela esteja regulada, e isso é uma preocupação, porque tem uma faixa etária que, do ponto de vista educativo, ainda está em formação”, diz a economista-chefe da Unidade de Desenvolvimento Humano do Pnud (Programa das Nações Unidas para o

Desenvolvimento) Brasil, Betina Ferraz Barbosa.

O Japão, por exemplo, tem um PIB per capita quase três vezes maior do que o Brasil, mas apresenta uma proporção de jovens com acesso à internet menor do que a brasileira.

O relatório da ONU reconhece que a falta de acesso à tecnologia desde cedo também coloca em risco o aprendizado das crianças e compromete o desenvolvimento de habilida-

des úteis em uma economia digital. A organização indica, por exemplo, a introdução de programas educacionais sob tempo de tela controlado.

Um dos desafios do Brasil, segundo o Comitê Gestor da Internet (CGI), é justamente a falta de acesso a ferramentas computacionais, fontes de saber diversas e conhecimento de programação, o que a entidade chama de “conexão significativa”.

“O celular é o principal dis-

positivo de acesso à internet pela parcela mais vulnerável da população, com a disponibilização dos planos zero rating, que permitem acesso a certas aplicações após o fim do pacote de dados”, diz a coordenadora de programa do Instituto Alana Maria Mello. Em geral, a gratuidade cobre redes sociais e aplicativos de mensagens como o WhatsApp.

“No Brasil, mais da metade das crianças e adolescentes vivem em situação de vulnera-

bilidade econômica, o que restringe seu acesso a ferramentas de proteção digital e amplia sua exposição a ameaças online, incluindo aquelas associadas à exploração comercial por meio de publicidade inadequada, que se utiliza de dados pessoais para direcionar conteúdos”, afirma Mello.

As crianças brasileiras têm tido contato com tecnologias digitais cada vez mais cedo, de acordo com a pesquisa TIC Kids do CGI. O número de crianças que acessaram a internet pela primeira vez aos 6 anos cresceu 10,5% nos últimos quatro anos.

Na faixa etária entre nove e 17 anos, 83% mantêm perfis online e 72% têm permissão para usá-los sozinhos. No entanto, apenas 46% dos entrevistados pelo CGI afirmou que sabia ajustar configurações de privacidade.

Os aplicativos que usam inteligência artificial para recomendar conteúdo, como é o caso do Instagram, do TikTok e do X (ex-Twitter), diz a ONU, estão associados a potenciais armadilhas para prender o usuário, mesmo que a maior parte deles afirme preferir viver sem essas plataformas.

O relatório das Nações Unidas ainda alerta para exposição dos menores de idade a crimes digitais, como a divulgação de pedofilia online.

Incrível: energia usada para IA gerar imagem pode alimentar 240 lâmpadas por hora

Por Giovana Kebian e Pedro S. Teixeira (Folhapress)

Usar a inteligência artificial (IA) para escrever um email com cerca de cem palavras gasta a mesma energia do que deixar quatro lâmpadas de LED acesas por uma hora. Para gerar uma imagem, o consumo é cerca de 60 vezes maior, ou 240 lâmpadas ligadas pelo mesmo período.

Esses modos de uso se repetem à exaustão no Brasil e no mundo desde a popularização do ChatGPT no fim de 2022. O consumo acumulado no país durante um ano só com uma hipotética geração semanal de emails seria comparável à demanda anual por eletricidade de uma cidade de 82 mil habitantes.

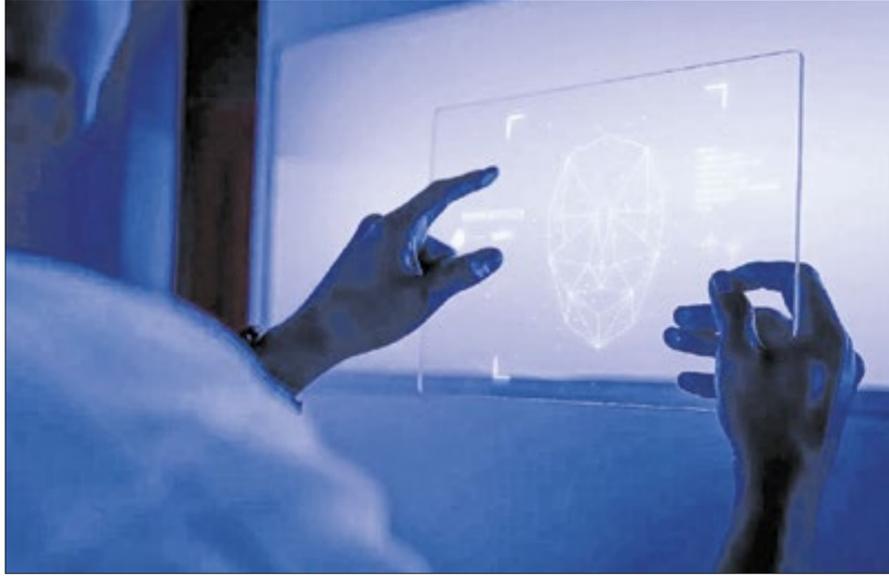
A Folha de S.Paulo estimou esse cenário usando uma metodologia criada por pesquisadores da plataforma Hugging

Face (que funciona como uma coleção de IAs) e com base nos relatos de programadores que usam o modelo de IA da Meta Llama 3.1 405 b no próprio computador, o que lhes dá acesso às informações de consumo.

Tabelas de preços de provedores de nuvem permitem inferir que o modelo da Meta tem uma demanda computacional parecida com a do GPT-4o, que equipa o ChatGPT, uma vez que o custo de usar as duas tecnologias é parecido.

Entre os principais desenvolvedores de IA, apenas Meta e Deepseek divulgam dados sobre o consumo de eletricidade de suas tecnologias. Por isso, cientistas desenvolveram medições indiretas da pegada energética — e também de água e carbono de ChatGPT (OpenAI), Gemini (do Google) e Claude (Anthropic).

Procuradas, as empresas não responderam às questões



Divulgação

Quanto mais elaborada a tarefa, maior o consumo energético

da reportagem.

Cada comando solicitado a um modelo de IA exige que computadores especializados façam trilhões de cálculos para

determinar as melhores palavras para cada resposta — essas máquinas ficam nos chamados data centers, que o governo Lula planeja isentar de impos-

tos para atrair investimentos. Isso fez a demanda por eletricidade destinada ao processamento de dados explodir.

Quanto mais elaborada a

tarefa solicitada à IA, maior o consumo energético dos modelos de inteligência artificial. Uma pesquisa da Universidade de Carnegie Mellon, nos Estados Unidos, estima que usar IA para criar imagens consome, em média, 60 vezes mais energia do que geração de texto.

“No caso da geração de texto, há uma exigência menor em termos computacionais para manipulação da sequência de caracteres, em comparação à geração de imagem. A diferença basicamente está na carga de trabalho”, explica André Micali, CEO da MIT Technology Review Brasil.

Outro fator relevante para o gasto de energia é o tempo de processamento. Enquanto gerar um texto de cem palavras ocupa poucos segundos do ChatGPT, criar uma imagem pode tomar até um minuto do modelo, de acordo com a sua desenvolvedora, OpenAI.



Cuidando de perto para cuidar melhor.

GDF NAS RUAS

GDF